

# Milhões de Tijolos de Faz-de-Conta



*A história do brinquedo “mais popular” do mundo*

LAWRENCE ELLIOTT

**H**Á 40 ANOS, na Jutlândia, Dinamarca, um carpinteiro pobre chamado Ole Kirk Christiansen começou a fazer brinquedinhos de madeira para ganhar a vida, porque não encontrava outro emprêgo. Billund, a distante aldeia onde morava, naquele tempo era um pequeno amontoado de casas e hortas de batatas, e atravessado uma vez por semana apenas por uma diligência. Porém Ole persistia, ven-

dendo suas bonecas e seus patinhos de madeira de porta em porta.

Com o passar dos anos os quatro filhos de Ole juntaram-se a êle no fabrico e na venda de uma variedade sempre crescente de brinquedos fortes e bem-feitos. E um dia o terceiro filho, Godtfred, diretor-gerente daquela firma pequena porém próspera que sempre permanecera em mãos da família, resolveu concentrar tôda a sua confiança e energia num certo

tipo de tijolo de plástico do tamanho de um torrão de açúcar. Tal resolução enriqueceu não só a família e sua aldeia, como também a vida de crianças de todos os continentes.

Hoje cêrca de 1.000 aviões semanais pousam e decolam no aeroporto para jatos de Billund, e a indústria de brinquedos emprega 20 vêzes mais gente dó que existia em tôda a aldeia quando Ole Christiansen começou sua atividade. De um conjunto de edifícios modernos que circundam a velha loja de Ole, os trabalhadores inundam um mundo que sempre continua a pedir mais com um bilhão de tijolinhos Lego por ano, faturando cêrca de 50 milhões de dólares anuais, o que corresponde a quase 1% do total das exportações industriais dinamarquesas.

Godtfred Kirk Christiansen, o criador do Lego, é um homem baixo e forte, de cabelos ralos muito bem penteados e olhar resoluto. É uma daquelas raridades na rígida ortodoxia do mundo dos grandes negócios, um homem que não se pauta pelos outros—que marcha com passo próprio e escolhe seu próprio caminho. Na internacionalista Dinamarca êle continua a falar apenas sua língua materna, e jamais lhe ocorreu mudar sua emprêsa vitoriosa, hoje de âmbito mundial, da longínqua Billund (população atual: 2.539; distância de Copenhague: 150 milhas aéreas). E, o que é mais notável, num ramo de indústria normalmente sujeita a modas passageiras e prêsa à convicção de que a novidade do Natal já está

superada no Ano Nôvo, êle encontrou o sucesso com um único produto que, ao que se saiba, durará para sempre.

Sempre pronto a largar tudo para enfrentar um nôvo problema, Godtfred concebeu o tijolo Lego como resposta ao desafio lançado por um varejista de brinquedos. “A maioria dos fabricantes de brinquedos só fabrica; não pensa”, queixou-se o varejista em Copenhague. “Onde encontrar um brinquedo que atraia a mente da criança? Onde encontrar um brinquedo construtivo?”

Kirk Christiansen pensou nessas palavras durante tôda a volta para Billund—um brinquedo construtivo. Chegando tarde da noite foi direto para a fábrica vazia e caminhou sozinho por entre aquela coleção de mais de 300 brinquedos diferentes—animais, caminhões, trens, bonecas. Só não viu foi um brinquedo construtivo, que desafiasse permanentemente a inteligência de uma criança. Finalmente chegou ao pequeno estoque de blocos plásticos para construção que havia na firma. Os blocos retangulares podiam ser juntados horizontalmente e verticalmente, porém num número limitado de posições, que permitiam apenas a reprodução de uns poucos desenhos básicos. Enquanto pensava nas palavras do vendedor, Godtfred manuseava os blocos. Quase que sem compreender o que fazia, começou a construir uma casa, que se transformou num castelo, que foi logo circundado por fortificações.

Essa experiência lembrou a Kirk Christiansen que os blocos de construção têm uma atração permanente—desde os tempos dos faraós que as crianças brincam com êles—além de serem o que existe de mais construtivo em matéria de brinquedo, pois a arte da construção é a própria base da existência humana. E se pudesse adaptar seus blocos plásticos a fim de que até mesmo uma criança pequena os pudesse manusear com facilidade, engatá-los para não caírem, mas também desengatá-los para construir algo de novo, para deixar a imaginação alçar vôo, aprendendo e divertindo-se a um só tempo?

Entusiasmado, Godtfred Kirk Christiansen sentou-se imediatamente para escrever o que veio a ser conhecido como a Constituição Lego, conjunto de princípios não para definir as qualidades materiais do brinquedo, mas, sim, as idéias de Godtfred

a respeito dos modos pelos quais o brinquedo deveria interessar a mente da criança: “O brinquedo deve sempre envolver a criança de maneira ativa. A criança não é por natureza um espectador—ela deseja participar. Êle não deve ser pura e simplesmente um brinquedo, mas um *sistema*—variado, flexível, que se desenvolve à medida que lhe são acrescentados peças suplementares, de modo que qualquer pessoa possa construir o que queira construir, o que satisfaz a *sua* necessidade criadora.”

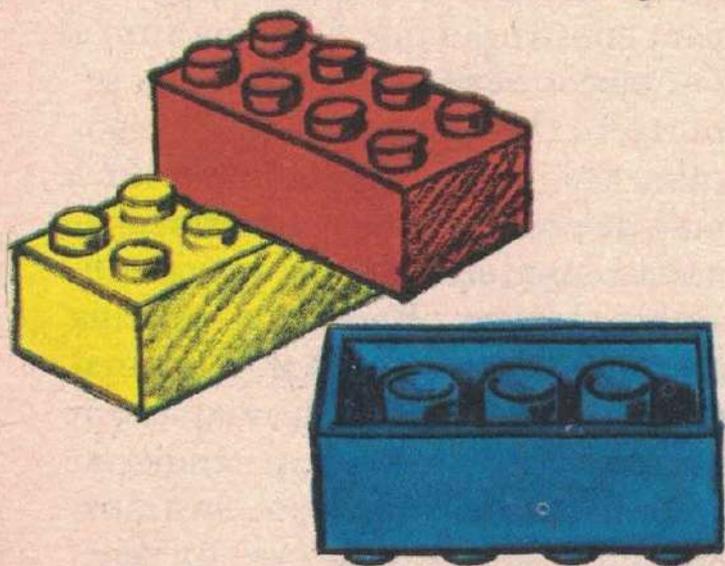
Seguiram-se inúmeras semanas de conferências com seu pai, seus irmãos e técnicos especializados, e meses de experiências com formas e materiais sem conta. E tôda noite o próprio Godtfred sentava-se com seus dois filhos, avaliando os tijolos da única maneira que lhe parecia ter sentido: brincando com êles.

—Êstes são duros demais para desengatar—dizia Kjeld, de quatro anos, e *êstes* eram eliminados.

—Eu gostaria que a côr do teto fôsse diferente—pediu Gunhild, de seis anos, e seu pai anotou cuidadosamente.

Em 1954 Kirk Christiansen finalmente lançou no mercado seus tijolos aperfeiçoados. A unidade básica era um tijolo de um por três e meio centímetros, com oito saliências de engate. Dentro em pouco as crianças o chamavam de “oitinho”. O conjunto básico também continha “quatrinhos” e “doizinhos” e tôda uma coleção de peças suplementares em escala perfeita—portas, janelas, portões, bom-

Tijolinhos  
Lego



ba de gasolina—tôdas podendo ser engatadas umas às outras, e tudo isso em cinco bonitas côres. Cada conjunto vendido—eventualmente êles chegaram a ser 71, variando de preço mais ou menos de NCr\$ 2,50 a NCr\$ 100,00—pode ser ligado a qualquer dos outros.

Era êsse o sistema Lego, e quase que imediatamente vendedores da Dinamarca inteira começaram a sobrecarregar com pedidos a única linha telefônica existente para Billund. Naquele primeiro Natal a companhia vendeu tantos conjuntos que Kirk Christiansen e seus irmãos tiveram dificuldade em guardar uns poucos para seus próprios filhos. E desde então o caminho tem estado sempre aberto. Em 1960, depois da morte de seu pai, e de seus irmãos terem-se transferido para outras atividades, Kirk Christiansen ordenou o abandono permanente da fabricação de todos os outros brinquedos da fábrica a fim de se concentrar na produção de tijolos sempre melhores e em maior quantidade. E quanto mais fabricou, mais vendeu.

Hoje os tijolinhos são vendidos em cêrca de 45.000 lojas em 75 países. Sete de cada 10 crianças dinamarquesas possuem um conjunto—e no entanto 97% da produção da companhia vão para o exterior. A Alemanha Ocidental é o maior mercado (uma vitória espetacular, em se tratando de um país que produz mais de 30.000 brinquedos diferentes), porém o Japão compra 15 milhões de coroas por ano, e não faz

muito tempo a Iugoslávia tornou-se o primeiro país comunista a sucumbir a essa atração tipicamente capitalista. Em 1968 uma única loja parisiense vendeu 21.000 conjuntos em dois meses!

A companhia nunca conseguiu determinar o limite máximo de idade para a atração que exerce o seu produto. Uma senhora disse a Kirk Christiansen que havia pedido a todos os seus amigos que lhe dessem tijolinhos Lego em seu próximo aniversário, que seria o seu 75.º. E uma residente em Copenhague escreveu-lhe que o filho telefonara da escola, numa ligação interurbana, para pedir um conjunto. “Que ótimo!”, disse Kirk Christiansen, que gosta muito de ouvir histórias sôbre clientes satisfeitos, e continuou a ler: “A escola de meu filho é a Academia de Marinha Mercante. Êle tem 20 anos.”

Aparentemente não há limites para as aplicações dos produtos Lego. Vítimas de artrite usam os tijolinhos para manter a agilidade das mãos. Nas escolas para cegos as crianças aprendem a contar nas saliências dos “oitinhos”, “quatrinhos”, e “doizinhos”, que são semelhantes ao Braille, e com os dedos “vêem” seus castelos de sonho tomarem forma. Muitas escolas americanas usam-nos para ensinar geografia urbana: trabalhando com planta baixa, os alunos constroem maquetes em escala dos edifícios existentes em cada estágio da história de sua cidade.

È agora apareceu o Modulex. Nu-

ma inversão total da prática habitual de miniaturizar artefatos adultos para o divertimento de crianças, *Modulex* é um brinquedo de criança adaptado às necessidades profissionais dos adultos. Tantos arquitetos e desenhistas encomendaram tijolinhos *Lego* para fazer suas maquetes—e tantos pediam peças especializadas—que em 1963 Kirk Christiansen resolveu fabricar para êles um sistema especial de blocos de construção.

Tendo como unidade básica um tijolo menor do que o *Lego* comum, que usa o mesmo princípio de reentrâncias e saliências e um módulo de cinco milímetros, o *Modulex* ajuda o projetista a vencer o espaço entre a teoria e a realidade, permitindo-lhe chegar, inclusive, a detalhes de mobiliário e localização de equipamento. Em indústrias, quando montado em painéis, êle serve para gráficos de levantamentos, estoques, vendas—ou de qualquer outra estatística—em três dimensões.

É possível, porém, que a adaptação mais espetacular do tijolo *Lego* seja a que pode ser vista na própria *Billund*. Ela nasceu porque um menino que visitou a fábrica expressou seu desapontamento diante de Kirk Christiansen: “Eu pensei que tôda a fábrica era construída de tijolos *Lego*”, disse êle. Os adultos riram-se muito da idéia—todos menos o apaixonado Godtfred, que foi para seu escritório remoer o que acabava de ouvir. O resultado foi a *Legolândia*

—um reino liliputiano construído com seis milhões de tijolos plásticos numa área de 4,5 hectares entre a fábrica e o aeroporto de *Billund*.

Verdadeiro monumento aos tijolinhos plásticos de Kirk Christiansen, a *Legolândia* é um grande conglomerado de fantasias. A não ser por um modelo da *Apolo 11*, erigido em 1969, nenhum dos 600 e tantos edifícios tem mais de um metro de altura, mas todos são miniaturizados com tal perfeição que é difícil lembrar que não são de verdade. De noite, com uma luz suave saindo por suas 3.000 janelinhas, ela tem um ar verdadeiramente mágico. Visitantes fascinados perambulam por ela, gulliveres modernos abaixam-se para espiar castelos medievais ou tocar em réplicas de catedrais famosas. A aldeia transformou-se na maior atração turística da Dinamarca fora de *Copenhague*.

Entrementes, o homem que começou tudo isso passa horas sem fim pensando modelos novos e mais imaginosos de *Lego*, voltando continuamente sua mente para planos que levem seus produtos cada vez mais longe e em maior volume para um mundo altamente receptivo. Só podemos nos perguntar se ainda haverá algum recanto inexplorado. Recentemente um dinamarquês em férias na Tunísia mandou a Godtfred Kirk Christiansen um objeto que encontrou no deserto. Era—naturalmente—um tijolinho *Lego*.

